

Educação Musical Inclusiva em um Contexto Pós-Pandêmico: Um Estudo de Caso em Escolas de Ensino Regular em Caxias do Sul

Comunicação

GT12 -

Ensino de música, inclusão e antipacitismo

Débora Salvi
Universidade de Caxias do Sul
dsalvi1@ucs.br

Patricia Pereira Porto
Universidade de Caxias do Sul
ppporto@ucs.br

Resumo: Esta pesquisa se trata de um estudo de caso com uma abordagem qualitativa. O objetivo geral é identificar e compreender as estratégias utilizadas por educadores musicais para incluir alunos com deficiência em escolas regulares do município de Caxias do Sul no contexto pós-pandêmico. Como objetivos específicos, busca investigar o que é discutido sobre educação musical inclusiva no Brasil, refletir sobre o ensino de música após a pandemia, e incentivar a qualificação dos professores que atuam com turmas inclusivas. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com professores de música. Os resultados indicam que a maioria dos educadores desenvolve um olhar sensível, procurando conhecer os alunos com deficiência, manter contato com equipes interdisciplinares e pesquisar sobre as especificidades das deficiências para promover uma inclusão mais eficaz. Contudo, alguns professores relataram não utilizar estratégias específicas para a inclusão. O estudo destaca a importância da reflexão sobre a inclusão em aulas de música no cenário atual.

Palavras-chave: Educação Musical Inclusiva, Ensino Regular, Pós-Pandemia.

Introdução

Nas últimas décadas, pessoas com deficiência conquistaram mais direitos e acesso à educação regular, mas estar na sala de aula não garante inclusão efetiva. A pandemia de COVID-19, iniciada em 2020, exigiu isolamento social e adaptações, prejudicando as relações humanas, especialmente a socialização, já difícil para muitos alunos com deficiência. Após dois anos de pandemia, desafios como irritabilidade, ansiedade e impaciência aumentaram,

afetando o convívio escolar. O professor de música tem um papel fundamental em criar ambientes que favoreçam a interação entre alunos, usando a música como ferramenta de inclusão. Por isso, é essencial entender quais estratégias os educadores musicais do município de Caxias do Sul adotaram para promover a inclusão de alunos com deficiência no contexto pós-pandêmico.

Assim sendo, esta pesquisa foi realizada como parte de um Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Música durante o ano de 2023 e teve como questão norteadora: “quais estratégias os educadores musicais estão utilizando para promover a inclusão de alunos com deficiência nas escolas de ensino regular no município de Caxias do Sul em um contexto pós-pandêmico?”.

Para a realização da pesquisa foram contatados professores de música que atuam em escolas de ensino regular na cidade de Caxias do Sul, que fossem alunos ou egressos do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Caxias do Sul (UCS), e que tivessem no mínimo um aluno com deficiência incluído em alguma de suas turmas. A pesquisa contou com a participação e contribuição de seis professores participantes. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais com duração de aproximadamente 30 minutos cada, de maneira *online* pela plataforma *streamyard*¹.

Implicações Do Isolamento Social No Ensino De Música E Desenvolvimento De Crianças Em Idade Escolar

Após cerca de um mês da chegada do Covid-19 ao Brasil, foi decretada a quarentena e, com ela, o fechamento das escolas. A necessidade de continuidade dos estudos levou o sistema educacional a adotar a educação à distância (EAD) como solução emergencial (Balbino et al., 2022). Pais, responsáveis e professores se voltaram para a realidade virtual, buscando formas seguras de manter o ensino. Essa transição forçada exigiu reflexões sobre o uso das tecnologias e suas consequências na educação escolar.

Com o ensino remoto, surgiram desafios específicos no ensino de instrumentos musicais. Cândido e Perizzi (2021) questionam como seria possível ensinar música à distância,

¹ Programa e site de transmissão ao vivo e gravação de vídeo.

enfrentando problemas como latência de áudio e vídeo. A troca de experiências entre professores e alunos, essencial no ensino musical, foi comprometida. Barros e Beltrame (2022) destacam que as práticas musicais coletivas, baseadas na sincronia, tornaram-se inviáveis com as limitações tecnológicas. Como alternativa, surgiram os “collabs”, vídeos colaborativos gravados individualmente e editados posteriormente, abrindo espaço para novas reflexões sobre ensino musical.

Quando se trata do ensino-aprendizagem de música, entendemos que a troca de experiência entre professor e alunos, e dos alunos com seus colegas, é muito importante. Nesse sentido, o ensino à distância acaba interferindo diretamente na educação e no fazer musical, em todos os níveis escolares. Barros e Beltrame (2022) deixam claro que

No caso específico da música, esse tempo de pandemia mostrou um fenômeno talvez ainda não vivenciado. As práticas musicais coletivas têm, na sincronia, um elemento fundamental para sua existência: o tocar junto, o soar do conjunto, etc. Ocorre que com os problemas técnicos que temos em relação à internet, essa sincronia não foi resolvida utilizando recursos de webconferência, e, somando ao fato de não poder tocar junto nem presencialmente, surge um fenômeno que ocorre através de práticas e comunicação assíncrona: os collabs, que são vídeos colaborativos realizados em parcerias nas quais cada um grava a sua parte e a edição em vídeo e em áudio é realizada posteriormente. Nesse contexto, para soar junto, síncrono, é preciso que seja gravado antes, editado, organizado e disponibilizado. Esse fenômeno por si só pode nos render várias reflexões sobre tempo e espaço de ensino e aprendizagem musical. (p. 6-7).

Transmissões ao vivo também foram adotadas como estratégia, exigindo dos educadores musicais um planejamento rigoroso de conteúdos e metodologias (Barros e Beltrame, 2022). No entanto, a implementação do ensino remoto enfrentou um obstáculo significativo: a exclusão digital. Muitos estudantes e até professores não tinham acesso adequado à internet ou dispositivos. Stevanim (2020) aponta que essa exclusão dificultou a realização de aulas e avaliações *online*, comprometendo o direito à educação.

A exclusão digital também gerou impactos emocionais. Alunos sem acesso à internet enfrentaram isolamento e frustração, enquanto professores lidaram com estresse e ansiedade ao tentar cumprir suas funções. Faro et al. (2020) ressaltam que o isolamento social intensificou quadros de ansiedade e depressão, afetando a saúde mental de grande parte da população.

Esses fatores prejudicaram o desenvolvimento e aprendizagem de crianças e adolescentes, especialmente durante a alfabetização, etapa crucial da vida escolar (Costa, 2021). A falta de interação social pode comprometer a capacidade das crianças de se relacionarem futuramente (Martins e Gessoli, 2022), pois é nas trocas sociais que se desenvolvem habilidades como autonomia, cooperação e resolução de conflitos.

Além disso, o uso excessivo de tecnologias durante a pandemia trouxe preocupações. Bueno e Lucena (2016) já alertavam para os riscos à saúde associados ao uso intensivo de dispositivos móveis. Por outro lado, o uso consciente das tecnologias pode ser benéfico. Os Departamentos Científicos De Pediatria Do Desenvolvimento E Comportamento E De Saúde Escolar Da SBP (2019) afirmam que mídias digitais oferecem tanto riscos quanto benefícios, sendo necessário planejamento e disciplina no uso desses recursos. Bueno e Lucena (2016) ainda destacam que

Na última década, o acesso a tecnologias móveis de comunicação e informação deram novos contornos a cibercultura e propiciaram a interação e comunicação a qualquer momento e em qualquer lugar. A ubiquidade das tecnologias móveis vem despertando a atenção de antropólogos, sociólogos, artistas, comunicólogos e profissionais da indústria do entretenimento. No entanto, o tempo e a intensidade de uso dessas tecnologias também despertam a atenção dos profissionais da saúde, que começam a classificar e a diagnosticar fatores de risco a saúde no uso dessas tecnologias. (p. 1)

Assim, o ensino remoto emergencial, mesmo não planejado para ser permanente, abriu espaço para discussões relevantes sobre a integração de tecnologias nas aulas presenciais de música (Silva e Santos, 2021). Borges e Rocha (2021) destacam o potencial pedagógico dos *smartphones*, com aplicativos que auxiliam na criação musical, teoria e treino auditivo.

Diante de tudo isso, surge a questão de como crianças com deficiência vêm sendo incluídas nas aulas de música da rede regular, considerando os desafios do ensino remoto, da exclusão digital e dos impactos emocionais do isolamento.

Ensino De Música Para Crianças Com Deficiência

O ensino musical inclusivo exige uma abordagem individualizada e sensível às particularidades de cada aluno, com ou sem deficiência. Melo e Fagundes (2021) destacam

que cada criança tem sua forma única de aprender e se expressar, mesmo que compartilhem o mesmo diagnóstico. Por isso, estratégias pedagógicas não devem se basear apenas nos rótulos clínicos, mas sim na observação atenta das necessidades específicas de cada estudante.

Alunos com deficiência podem apresentar comportamentos diversos: alguns são sensíveis a certos sons, outros comunicam-se com gestos ou sons vocais intensos, ou ainda necessitam de liberdade para se movimentar pela sala. Para garantir sua participação efetiva nas atividades musicais, é necessário pensar para além do diagnóstico, buscando alternativas adaptadas às suas características individuais. O contato do professor com a equipe multidisciplinar (fonoaudiólogos, terapeutas, familiares etc.) é essencial para compreender melhor cada caso e planejar um ensino eficaz e acolhedor.

A inclusão de pessoas com deficiência nas escolas regulares é garantida pela Lei 13.146 de 2015 (Brasil, 2015), mas ainda existe uma grande distância entre o que é previsto legalmente e a realidade prática. A simples presença desses alunos na escola não garante inclusão, sendo necessário o reconhecimento de suas potencialidades, sem cair em visões capacitistas que os tratam como inferiores ou como heróis por "superarem" suas dificuldades. Mello (2016) e Figueiredo (2021) alertam que o capacitismo, ainda presente no ensino de música, desvaloriza a capacidade dos alunos ao focar no que eles não conseguem fazer, dificultando seu engajamento e aprendizado.

Além disso, atitudes aparentemente inofensivas, como a infantilização ou a imposição de estereótipos negativos, também são manifestações capacitistas. A inclusão verdadeira exige respeito, acessibilidade e reconhecimento da diversidade. É fundamental romper com práticas excludentes e refletir sobre o papel do educador na construção de uma sociedade mais justa.

Quando o professor planeja suas aulas e pensa como se dará o desenvolvimento das atividades, é importante que se tenha uma visão sobre uma rotina na aula de música, visto que muitos alunos com deficiência acabam tendo um apego maior com a continuidade de suas atividades em sala de aula.

Nesse contexto, o planejamento das aulas de música é uma ferramenta essencial. Barros et al. (2021) ressaltam que a falta de planejamento comprometido com a inclusão

contribui para a precarização do ensino. Para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), por exemplo, a previsibilidade é muito importante. Cunha e Mendes (2021) sugerem a organização visual da rotina das aulas (com textos ou figuras), permitindo que os alunos acompanhem o que já foi feito e o que ainda será realizado.

Caminhos Metodológicos

Neste estudo de caso, com abordagem qualitativa, utilizamos entrevistas semiestruturadas para coletar dados sobre a inclusão de alunos com deficiência em aulas de música em escolas regulares do município de Caxias do Sul. Inicialmente, planejou-se realizar um grupo focal com professores de música, mas devido a conflitos de agenda, optou-se por entrevistas individuais online via *Streamyard* com seis participantes que eram alunos ou ex-alunos do curso de Licenciatura em Música da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e que tinham alunos com deficiência em suas turmas. A pesquisa preservou a identidade dos entrevistados, identificados apenas por números, considerando a sensibilidade do tema, que pode colocar em julgamento o trabalho docente. Cada entrevista durou cerca de 30 minutos.

No roteiro da entrevista foram abordados os seguintes temas: (1) volta às aulas presenciais e socialização nas aulas de música; (2) impactos do uso excessivo de tecnologias num contexto pós-pandêmico em sala de aula; (3) inclusão de alunos com deficiência nas aulas de música; e (4) estratégias utilizadas para promover a inclusão e socialização dos alunos com deficiência nas aulas de música.

Durante a última entrevista, houve um problema técnico com o software *Streamyard*, e a conversa precisou ocorrer por chamada de vídeo via WhatsApp, sendo registrada por gravação de tela. Contudo, ao salvar o arquivo, o áudio não foi captado. Para não perder o conteúdo, foi feita uma transcrição imediata do que foi discutido.

Interpretação e análise dos dados

Para interpretar os dados desta pesquisa, utilizou-se a análise de conteúdo, conforme Triviños (1987), que envolve organizar o material disponível — neste caso, seis entrevistas semiestruturadas. Isso permitiu identificar semelhanças e diferenças entre as respostas e, em seguida, relacioná-las ao referencial teórico.

Inicialmente, os entrevistados informaram quais deficiências estão presentes em suas escolas. As mais citadas foram Síndrome de Down, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Deficiência Intelectual, Deficiência Física e Altas Habilidades/Superdotação (AHSD).

Aulas presenciais e socialização nas aulas de música

Os entrevistados 1, 4 e 5 observaram aumento na dificuldade de socialização dos alunos no retorno às aulas presenciais. Questões como ansiedade e agitação foram mais recorrentes, dificultando o desenvolvimento de atividades coletivas. Os entrevistados 2 e 5 perceberam maior carência afetiva e sensibilidade entre os alunos, além de conflitos interpessoais e episódios de agressividade. Por outro lado, o entrevistado 6 apresentou uma visão mais otimista, destacando que em 2023 os alunos já estavam mais adaptados, sugerindo que alguns professores, e não os alunos, ainda se prendiam às limitações impostas pela pandemia.

No que se refere à socialização de alunos com deficiência, o entrevistado 1 observou uma tendência de estranhamento inicial por parte das outras crianças, mas que melhorou com o tempo. Melo e Fagundes (2021) reforçam a importância de promover um ambiente inclusivo para naturalizar a convivência com a diversidade. O entrevistado 3 acrescenta que quando a turma conhece o diagnóstico dos colegas, a socialização melhora.

Inicialmente cada entrevistado trouxe a relação de deficiências que atendem em suas respectivas escolas, para que pudéssemos ter um panorama do que seria trazido posteriormente nos resultados. Dentre essas deficiências foram citadas Síndrome de Down, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Deficiência Intelectual, Deficiência Física e Altas habilidades e Superdotação (AHSD). A relação entrevistado x deficiência presente em sua escola pode ser observada no Quadro 1.

Quadro 1: Deficiências presentes nas escolas dos professores entrevistados

Entrevistado	Deficiências presentes na escola
1	Transtorno do Espectro Autista e Síndrome de Down.
2	Transtorno do Espectro Autista, Síndrome de Down e Deficiência Intelectual.
3	Transtorno do Espectro Autista, Altas Habilidades e Superdotação.

4	Transtorno do Espectro Autista, Deficiência Física e Deficiência Intelectual.
5	Transtorno do Espectro Autista, Deficiência Física e deficiência intelectual.
6	Transtorno do Espectro Autista.

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras.

Para além das deficiências, este trabalho se volta para o contexto pós-pandêmico. Os entrevistados 1, 4 e 5 trouxeram visões parecidas sobre os alunos estarem tendo dificuldades de interação social e com o meio, e nesse sentido, questões como a ansiedade, por exemplo, estarem mais recorrentes. As crianças estão muito agitadas e têm mais dificuldade de tocar juntas, sendo que o professor muitas vezes não consegue realizar atividades que antes da pandemia eram relativamente tranquilas.

Uso de tecnologias no contexto pós-pandêmico

Durante o isolamento, os professores precisaram adaptar-se ao uso de tecnologias no ensino de música. Moreira e Scotti (2021) destacam que essa adaptação reforça o papel do professor como pesquisador. Os entrevistados 1 e 2 usam músicas e *playlists*² em aula, mas relatam que os alunos demonstram um apego excessivo ao celular. O entrevistado 5 nota que é difícil tirar os alunos do celular a partir do 6º ano, utilizando os *chromebooks* para manter o interesse. Os entrevistados 2 e 4 perceberam que alguns alunos só se engajam com estímulos visuais, dificultando o uso dos instrumentos musicais disponíveis. Além disso, a atenção dos alunos parece mais reduzida, exigindo aulas com múltiplas atividades rápidas.

O entrevistado 6, por sua vez, vê o uso de tecnologias de forma mais positiva. Para ele, crianças pequenas que usam celular podem ter um desenvolvimento diferente, mas não necessariamente pior, desde que haja orientação de adultos. Filho *et al.* (2022) reforçam que é preciso compreender o crescimento do uso das tecnologias e propor ações conscientes para integrá-las à educação.

Sobre a utilização de recursos tecnológicos para a realização de aulas de música durante o isolamento social, Moreira e Scotti (2021) trazem uma visão interessante sobre o

² Lista organizada de músicas.

papel do professor nesse contexto, que também introduz a temática discutida pelos entrevistados:

Independente da situação em que nos encontramos, fomos obrigados a nos adaptar e descobrir novas propostas de ensino de música. Isso nos faz lembrar que o professor é um eterno pesquisador. Somente assim poderemos contribuir no processo de ensino e aprendizagem da música de maneira eficiente. (p. 12)

Outro fato bastante relevante trazido pelo entrevistado 1 é que ele tem um aluno com Autismo que é não verbal, e que no caso específico desse aluno, a tecnologia se torna essencial, já que ele utiliza o tablet de comunicação para conseguir se manifestar e participar da aula de alguma maneira, o que é conhecido como tecnologia assistiva. Segundo Louro (2018 *apud* Cunha; Mendes, 2021, p. 6) “tecnologia Assistiva (TA) é um termo que define dispositivos e/ou serviços que amenizam ou anulam as dificuldades encontradas por pessoas com deficiência ou restrições motoras e/ou cognitivas, proporcionando ou ampliando habilidades para que tenham mais autonomia”.

Inclusão, apoio institucional e formação

As experiências dos entrevistados variam conforme o contexto escolar. O entrevistado 1, de escola privada, relata que há formações sobre inclusão, mas que muitas vezes são desconectadas da realidade. A escola oferece monitores para os alunos diagnosticados, o que facilita a inclusão. Ele também destaca que é importante não nivelar a turma por baixo e explorar o potencial de todos.

O entrevistado 2 começou a se interessar pelo tema da inclusão em um curso de extensão universitária. Diante do desafio prático, buscou formação adicional por conta própria, ressaltando que não há métodos prontos e que a inclusão demanda sensibilidade e adaptação.

Para o entrevistado 3, o contato com uma aluna com deficiência em aulas particulares o motivou a buscar mais conhecimento. Na escola em que trabalha, há reuniões com o professor de Atendimento Educacional Especializado (AEE), contato com famílias e elaboração de relatórios para acompanhamento do desenvolvimento dos alunos.

O entrevistado 4 conta com apoio do AEE, mas não planeja atividades específicas para alunos com deficiência, embora busque promover a participação de todos. Ele também declarou que não estuda inclusão diretamente, focando-se em música em geral.

O entrevistado 5 relata que, nas escolas públicas do município, o AEE atua com apoio e, às vezes, com docência compartilhada. Ressalta que a música facilita a inclusão e valoriza o envolvimento coletivo da turma.

Já o entrevistado 6, de escola particular, aponta que todos os alunos diagnosticados têm monitores e há um professor especialista em Educação Inclusiva, além de estrutura física acessível.

Estratégias de inclusão nas aulas de música

O Quadro 2 sintetiza as estratégias utilizadas pelos professores entrevistados. Dentre elas, destacam-se: conhecer o aluno, mobilizar a turma, manter contato com a família, planejar atividades com diferentes níveis de dificuldade, adaptar provas e manter contato com equipes interdisciplinares. Entretanto, os entrevistados 5 e 6 afirmam não utilizar estratégias específicas. O entrevistado 5 entende a música como um meio de desenvolvimento humano, o que, segundo ele, torna a inclusão algo natural. O entrevistado 6 acredita que o foco deve estar na individualidade de cada aluno.

É perceptível que muitos professores só desenvolvem estratégias inclusivas na prática, tentando adaptar o que for necessário conforme as necessidades de seus alunos. Como observam Melo e Fagundes (2021), é essencial conhecer o aluno individualmente, pois mesmo com o mesmo diagnóstico, cada estudante tem um ritmo e uma forma particular de aprender e se expressar.

Quadro 2: Estratégias utilizadas pelos entrevistados para incluir alunos com deficiência na aula de música

Entrevistado	Estratégias utilizadas para incluir alunos com deficiência na aula de música
1	<ul style="list-style-type: none"> ● Perceber as potencialidades do aluno; ● Mobilizar toda a turma para auxiliar no processo de inclusão; ● Manter contato com a família; ● Buscar a ajuda do professor do AEE;

	<ul style="list-style-type: none"> ● Sempre tentar ir além do que os alunos conseguem fazer com mais facilidade.
2	<ul style="list-style-type: none"> ● Conhecer o aluno; ● Conversar com os professores titulares das turmas; ● Pesquisar e conhecer a deficiência em questão; ● Planejar as aulas de maneira que o aluno com deficiência consiga participar das atividades; ● Trazer diferentes níveis de dificuldade para a mesma atividade.
3	<ul style="list-style-type: none"> ● Realizar provas adaptadas para os alunos de inclusão; ● Adaptar as atividades quando necessário; ● Conhecer o contexto do aluno; ● Manter contato com a equipe interdisciplinar que trabalha com o aluno; ● Perceber as potencialidades do aluno.
4	<ul style="list-style-type: none"> ● Permitir que todos os alunos realizem as atividades juntos; ● Utilizar instrumentos que todos consigam tocar.
5	<ul style="list-style-type: none"> ● Não faz adaptações ou utiliza estratégias específicas para garantir a inclusão de alunos com deficiência.
6	<ul style="list-style-type: none"> ● Não utiliza estratégias específicas para garantir a inclusão de alunos com deficiência.

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras.

Alguns professores compartilham estratégias semelhantes para inclusão, mas ressaltam que adaptações para alunos com deficiência raramente são abordadas na formação inicial, sendo desenvolvidas na prática por tentativa e erro. Eles relatam que conhecer o aluno e seu diagnóstico é fundamental, pois cada pessoa tem um ritmo e modo próprio de aprender e se relacionar. Diferentemente dos demais, dois entrevistados não utilizam estratégias específicas: um vê a música como meio para desenvolver o ser humano, facilitando a inclusão naturalmente, enquanto o outro destaca a importância de tratar cada aluno como único.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo investigar a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de música em escolas regulares do município de Caxias do Sul. As entrevistas realizadas revelaram a predominância de alunos com Transtorno do Espectro Autista nas turmas, com todos os seis professores relatando atuar com, pelo menos, um aluno autista. Outras

deficiências mencionadas incluem Deficiência Intelectual, Síndrome de Down e deficiências físicas diversas.

No aspecto da socialização, os professores observaram dificuldades de interação entre os alunos, maior agitação e obstáculos para atividades musicais em grupo. Também relataram turmas mais carentes emocionalmente, com comportamentos mais impulsivos. Um dos docentes destacou uma melhora nas relações sociais em 2023, observando que os alunos têm se adaptado com o tempo, e que muitas vezes são os próprios professores que ainda enfrentam dificuldades para lidar com os efeitos da pandemia. Em relação aos alunos com deficiência, o estranhamento inicial tende a diminuir ao longo do ano, especialmente quando os colegas conhecem o diagnóstico.

Com relação ao uso de tecnologias, os professores relataram desafios no cotidiano escolar. Nas turmas com crianças menores, há insistência em manusear os celulares dos professores, revelando forte apego aos dispositivos. Já os alunos maiores demonstram resistência em se desconectar dos *smartphones*, levando alguns docentes a utilizarem os *chromebooks* disponíveis na escola como ferramenta pedagógica. Alguns alunos também demonstram dificuldade em compreender a música sem estímulos visuais, o que limita certas práticas. Além disso, foi mencionada uma redução na capacidade de atenção das crianças, atribuída ao uso excessivo de tecnologia.

Por outro lado, um dos entrevistados defendeu uma visão mais positiva, afirmando que o uso de tecnologia não é um problema exclusivo dos alunos, já que muitos professores também a utilizam excessivamente. Ele considera que o desenvolvimento das crianças com acesso a celulares não é necessariamente pior, apenas diferente, e que as tecnologias, se bem empregadas, podem ser benéficas. Destacou ainda a importância da tecnologia assistiva, essencial para a participação de alguns alunos com deficiência.

Quanto ao apoio institucional, as escolas têm buscado oferecer formação continuada, embora nem sempre de forma eficaz. Alguns professores precisam registrar o desenvolvimento dos alunos da inclusão e contam com o apoio de profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE), por meio de docência compartilhada. Em muitas escolas, os alunos com diagnóstico recebem acompanhamento de monitores, o que facilita o trabalho em sala.

As estratégias de inclusão citadas incluem: reconhecer potencialidades dos alunos, engajar a turma, manter contato com a família, buscar apoio do AEE, adaptar atividades e avaliações, propor diferentes níveis de dificuldade, e garantir que todos participem juntos. Dois professores, no entanto, afirmaram não utilizar estratégias específicas para alunos com deficiência.

Por fim, gostaríamos de destacar que este é um estudo preliminar, pois nem todos os professores de música que atuam no ensino regular em Caxias do Sul foram entrevistados, indicando a necessidade de aprofundar a investigação sobre o tema. O objetivo foi identificar quais estratégias os educadores musicais estão utilizando para garantir a inclusão de alunos com deficiência em um contexto pós-pandêmico na rede de ensino regular na cidade de Caxias do Sul, o que além de bastante específico por conta do recorte geográfico, traz a temática de educação musical inclusiva, sob uma nova perspectiva, visto que durante o levantamento bibliográfico não foi encontrado material específico sobre o contexto pós pandêmico e suas consequências no ensino de música para alunos com deficiência. Almeja-se que esta pesquisa incentive outros estudos mais aprofundados sobre o tema, além de buscar avanços em termos de formação continuada docente, manutenção e criação de políticas públicas e na valorização e qualificação de professores no trabalho com turmas inclusivas.

Referências

BALBINO, Elizete Santos; BEZERRA, Jane Cleide dos Santos.; SANTOS, Verônica dos; SANTOS, Jéssica Alves Inácio dos; SANTOS, Juciara Inácio dos. Pandemia, educação e deficiência: narrativas de pais e professores. *Diversitas Journal*, 2022. Disponível em: <https://www.diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/2039/1802>. Acesso em: 20 mai 2023.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. *Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*. Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 02 jun 2023.

BARROS, Claudia Cristiane Andrade; SOUZA, Adriana da Silva; DUTRA, Franciny D'Esquivel.; GUSMÃO, Risia Silva Chaves; CARDOSO, Berta Leni Costa. Precarização do trabalho docente: reflexões em tempos de pandemia e pós pandemia. *Ensino em Perspectivas*, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 1-23, 2021. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/%20article/view/4975>>. Acesso em: 27 mai 2023.

BARROS, Matheus Henrique da Fonsêca, BELTRAME, Juciane Araldi. Educação musical, tecnologias e pandemia: o que aprendemos e para onde vamos? *Revista da Abem*, v. 30, n. 1, 2022. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaABEM/index.php/revistaabem/article/view/1085>>. Acesso em: 21 mai 2023.

BORGES, Bruno da Silva; ROCHA, Alexandre Fritzen da. Um estudo acerca do ensino de criação musical com smartphones. In: XXV Congresso Nacional da ABEM, 2021. *Anais [...]*. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/829/public/829-4426-1-PB.pdf>. Acesso em: 19 jun 2025.

BUENO, Glaukus Regiani; LUCENA, Tiago Franklin Rodrigues. Geração cabeça - baixa: saúde e comportamento dos jovens no uso das tecnologias móveis. In: SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, 2016. *Anais [...]*. São Paulo: PUC, 2016. Disponível em: <http://abciber.org.br/publicacoes/livro3/textos/geracao_cabeça-baixa_saúde_e_comportamento_dos_jovens_no_uso_das_tecnologias_móveis_glaukus_regiani_bueno.pdf>. Acesso em: 11 junho 2025.

CÂNDIDO, Neander; PERIZZI, Betânia Aulas de piano para crianças de forma remota: apontando caminhos. In: XXV Congresso Nacional da ABEM, 2021. *Anais [...]*. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/786/public/786-4425-1-PB.pdf>. Acesso em: 11 jun 2025.

COSTA, Thais Aparecida Ferreira; BADARÓ, A. C. Impacto Do Uso De Tecnologia No Desenvolvimento Infantil: uma revisão de literatura. *Cadernos de Psicologia*, 2021.

Disponível em:

<<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/3146>>. Acesso em: 11 jun 2025.

CUNHA, Roger Vieira; MENDES, Adriana do Nascimento Araujo. Educação musical para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA): proposta de atividade musical com o auxílio de Tecnologia Assistiva. In: XXV Congresso Nacional da ABEM, 2021. *Anais [...]*.

Disponível em: <[http://abem-](http://abem-submissoes.com.br/index.php/xxvcongresso/2021/paper/viewFile/1013/458)

[submissoes.com.br/index.php/xxvcongresso/2021/paper/viewFile/1013/458](http://abem-submissoes.com.br/index.php/xxvcongresso/2021/paper/viewFile/1013/458)>. Acesso em: 11 jun 2025.

DEPARTAMENTOS CIENTÍFICOS DE PEDIATRIA DO DESENVOLVIMENTO E COMPORTAMENTO E DE SAÚDE ESCOLAR DA SBP. *Manual de Orientação: Uso saudável de telas, tecnologias e mídias nas creches, berçários e escolas*. 2019. Disponível em:

<[https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21511d-MO -](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21511d-MO_-)

[UsoSaudavel_TelasTecnolMidias na SaudeEscolar.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21511d-MO_-UsoSaudavel_TelasTecnolMidias_na_SaudeEscolar.pdf)>. Acesso em: 17 nov 2023.

FARO, André; BAHIANO, Milena de Andrade; NAKANO, Tatiane de Cassia; REIS, Catiele; SILVA, Brenda Fernanda Pereira da; VITTI, Lais Santos. Covid-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia*, 2020. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/?lang=pt>>. Acesso em: 01 nov 2023.

FIGUEIREDO, Camila Fernandes. Perspectivas sobre o engajamento musical do aluno com autismo: uma revisão narrativa e interdisciplinar. In: XXV Congresso Nacional da ABEM, 2021. *Anais [...]*. Disponível em: <[http://abem-](http://abem-submissoes.com.br/index.php/xxvcongresso/2021/paper/viewFile/899/501)

[submissoes.com.br/index.php/xxvcongresso/2021/paper/viewFile/899/501](http://abem-submissoes.com.br/index.php/xxvcongresso/2021/paper/viewFile/899/501)>. Acesso em: 11 jun 2025.

FILHO, Cesário Rui Callou; LIMA, Érica Larissa Moura Carneiro de; SILVA, Francisco Thiago de Oliveira; SILVA, José Edilânio da Costa; PINHEIRO, Ticiane Fernanda Diógenes; REGIS, Vanessa Belmino Holanda. Ensaio teórico acerca dos danos físicos provocados pelo uso excessivo do smartphone e as implicações advindas da pandemia da COVID-19. *Revista Conexão com Ciência*, 2022. Disponível em:

<<https://revistas.uece.br/index.php/conexaocomciencia/article/view/7434/6917>>. Acesso em: 11 jun 2025.

MARTINS, Alessandra Dilair Formagio; GESSOLI, Juliana Bergantin. Impactos do isolamento social nas crianças em idade escolar. *Revista Horizontes*, 2022. Disponível em:

<<https://novoshorizontes.usf.emnuvens.com.br/horizontes/article/view/1422/696>>. Acesso em: 11 jun 2025.

MELO, Danielly Cabral de Oliveira; FAGUNDES, Flávia Maiara Lima. Reflexões sobre educação musical, inclusão e anticapacitismo: a experiência no Projeto de Extensão Expressão Musical. *In: XXV Congresso Nacional da ABEM, 2021. Anais [...]*. Disponível em:

<http://abemeducaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/1095/public/1095-4417-1-PB.pdf>. Acesso em: 11 jun 2025.

MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência e Saúde Coletiva*, 2016. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/csc/a/J959p5hgv5TYZgWbKvspRtF/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 11 jun 2025.

MOREIRA, Moacir Emanuel Silva; SCOTTI, Adelson Aparecido. Ensino coletivo de violão e teoria musical no formato remoto emergencial: um relato de experiência no PIPBEX. *In: XXV Congresso Nacional da ABEM, 2021. Anais [...]*. Disponível em:

<http://abemeducaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/775/public/775-4434-1-PB.pdf>. Acesso em: 11 jun 2025.

SILVA, Paula Cristini Soares da; SANTOS, Jonathan Baião dos. O ensino de instrumentos musicais em projetos sociais do Distrito Federal: um levantamento em tempos de pandemia. *In: XXV Congresso Nacional da ABEM, 2021. Anais [...]*. Disponível em:

<http://abemeducaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/933/public/933-4429-1-PB.pdf>. Acesso em: 11 jun 2025.

STEVANIM, Luiz Felipe. Exclusão Nada Remota: Desigualdades Sociais E Digitais Dificultam A Garantia Do Direito À Educação Na Pandemia. RADIS: *Comunicação e Saúde*, 2020.

Disponível em:

<<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/43180/ExclusãoNadaRemota.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: 01 nov 2023.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação*. São Paulo: Atlas, 1987.